

:

PORTUGAL NO ENCONTRO E EMERGÊNCIA DO NOVO. OS NOVOS MUNDOS

**Professor Doutor Aurélio de Oliveira
(Faculdade de Letras de Lisboa)**

O tema que se me distribuiu é aliciante, mas tão extenso, que me propus, de início, tratar apenas de um aspecto, e aquele que à primeira vista parece mais óbvio e directo - os *Novos Mundos* ou o *Novo Mundo geográfico*. Aqui chamando a atenção e documentando o mais poderoso contributo jamais dado para a construção e definição do espaço físico do Universo (isto é, da Terra) que as descobertas portuguesas e depois ibéricas trouxeram ao património do conhecimento europeu, a uma Europa até aí o centro muito restrito do mundo conhecido. De facto o Deus da Bíblia precisou da mão dos portugueses para que, finalmente, fosse a sua obra conhecida na sua totalidade. Na verdade, só com os portugueses “criaria” Deus o orbe terrestre. Até aí teria criado o espaço mediterrânico – o ovo mediterrânico, um paraíso central algures localizado. Até aí predominava o lugar físico-mitológico e teológico. Um espaço sagrado onde tudo nascia e donde tudo provinha. Parece que ali para os lados do Próximo Oriente num apertado ainda que excelente distrito que Padres da Igreja, Teólogos e o Conhecimento Antigo se conjugavam para manter e perpetuar envolvido nas brumas de um conhecimento revelado fosse mítico fosse teológico, mas sempre sagrado.

Mas crescem ainda as outras “novas realidades” a todos os níveis que o alargamento, conhecimento e apropriação deste imenso espaço geográfico implicou e provocou. A nível dos conhecimentos físicos e científicos, como de comportamentos culturais e atitudes mentais.

Neste âmbito teremos, necessariamente que ficar pela síntese e esta tão reduzida que corremos o risco de roçar a generalidade, quase cair lugar comum para a generalidade dos que aqui se encontram.

No lugar da História e das Eras. Os Descobrimientos Portugueses

1. Será sempre problemático e aleatório marcar o início de Novos Tempos e novas Eras com acontecimentos restritos ou demasiado localizados. De facto, se há inovações há também permanências. Nunca roturas totais e as charneiras apresentam-se quase sempre com pequenos sinais de diferenciação. Todavia, por pouco apercebidas ao tempo, serão sempre

Portugal no Encontro e Emergência do Novo. O Novo Mundo
(Professor Doutor Aurélio de Oliveira)

significativas. São desse teor aqueles que começam a divisar-se no mundo conhecido europeu com a conquista portuguesa de Ceuta em 1415. Por si, naturalmente, para o pequeno país, mas também, pelas repercussões que se desencadearão a nível geral. Um pequeno ponto mas o início de um processo que decisivamente anunciará o advento de Tempos Novos para A Europa e para o Mundo ainda que a generalidade do conhecimento e comportamento europeus se não tenham dado logo conta e o não tenham convenientemente anotado. Todavia, pelas palavras de Zurara, o mundo muçulmano parece ter-se, de imediato, apercebido disso. Não tem outro significado o teor das lamentações que fazem acerca da perda desse lugar-chave e, logo após, repetidas também (ainda que em menor dimensão) a quando da conquista de Larache. Anunciavam-se logo para os hemisférios religiosos e económicos Novos Tempos.

Uma rápida comparação com o acontecimento normalmente tomado (por quase todas as historiografias, na sua globalidade) como o início de uma Nova Era - a queda de Constantinopla em 1453- mostrará diferenças de substância. Na verdade, muito mais que a dispersão da cultura oriental e dos "sábios" gregos, a Conquista de Ceuta anuncia novos mundos e novos tempos. Reparemos, tão só, em dois parâmetros. Acolá, a perda de uma cidade há muito tempo cercada e imobilizada nos seus movimentos físicos e culturais. Guardiã, aliás, de um saber livresco, e anquilosado em tantos e tantos aspectos já fora das realidades presentes. Por isso mesmo terá caído. Uma peça há muito moribunda, a que se lhe deu o golpe final. Do outro lado um acontecimento que prenuncia aberturas e novos horizontes. Em primeiro lugar, ao mundo hispânico mas, logo depois, europeu. Um sinal de vida, no extremo Ocidental da Europa enquanto esta, no Oriente, se fecha e reflui frente à poderosa realidade política (e cultural) dos Turcos. A Europa pela porta portuguesa plantada, finalmente sem recuos, em África abre a Europa para novos rumos, a novos espaços e novas realidades. Um passo - 1415- dinâmico, de crescimento e de afirmação. Assim,

2. Pela primeira vez, e sem regresso, se abre a fronteira geográfica da Europa, desbloqueando as suas fronteiras geográficas. Na verdade, enquanto por um lado se fechava e isolava a Europa, do outro abriam-se as fronteiras e as portas para outro mundo ou outros mundos. E é isso que caracteriza a Europa Moderna.

Já por várias vezes os cristãos tinham estado no outro continente - em África, mas nunca como a partir de 1415. Porque, desta vez, se fez de modo irreversível. Abriu-se uma porta que jamais se fechou, e se transformaria num corredor por onde se abriram outras muitas. E seria João de Barros a sublinhar

Portugal no Encontro e Emergência do Novo. O Novo Mundo
(Professor Doutor Aurélio de Oliveira)

este aspecto importante: uma porta aberta sobre o Continente para outras conquistas de espaços e de gentes. E quem tomou essa iniciativa e se desempenhou desse encargo foram os portugueses. “Posta de lado a Conquista de Castela (guerra de Granada) passou além mar, em as partes de África onde tomou Ceuta da qual cidade logo se intitulou por senhor, como quem tomava posse daquela parte de África e *leixava porta aberta pera irem mais avante*”. (João de Barros. *Asia. I. Década. INCM. Lisboa. 1988. 9*). Vinha de antes a intenção de levar a guerra – a Reconquista - àquele “Algarve d’Além” mas após a Conquista, a intenção do Monarca foi não só consolidar (mantendo Ceuta) como prosseguir (a partir dali), a expansão militar e geográfica por aqueles caminhos da banda atlântica: É esse o claro e primeiro testemunho de Zurara: “Que, tomada a cidade, esta se deveria manter (entre mais razões) pera outros príncipes virem aqui e subjugarem outros lugares desta Conquista *principalmente eu ou cada um dos rex que depois de meus dias sucesderem* em meu senhorio os quais vendo diante de seus olhos o portal aberto mais ligeiramente se moverão (a novas conquistas)” **Gomes Eanes de Zurara, Crónica da Tomada de Ceuta. Europa América. Lisboa. 1992. 278. Sublinhado nosso**).

Viriam os outros europeus depois, mas muito mais tarde e quando todas as portas estavam já bem franqueadas. Estavam os ferrolhos todos rebentados. Quando os outros chegaram já não havia segredos nem na terra nem nos mares atlânticos que sempre foram exclusivamente portugueses além das Canárias!

3. Um Novo Mundo físico. A Nova Geografia. Novas Terras. Novos Céus. Novas Estrelas.

Descobrimo “nam tam somente mares e homens novos mas céu novo e estrelas novas” (Miranda. Lisboa. 1943. II. 284).

Os Descobrimos lusos na sua globalidade, mas desde cedo, materializaram, de facto, o acabamento da criação física do Universo, ao revelarem-no na sua totalidade: Novos mundos novos céus e novos espaços astronómicos, que os antigos nunca tinham visionado (porque sempre os tinham observado a partir de um espaço físico restrito e localizado isto é, apenas regionalizado qualquer que tenha sido esse ponto: Mesopotâmia ou Egipto, da Grécia ou dos Confins da Ásia ou possivelmente também de partes do Continente americano. Observados, estudados e revelados na sua Redondeza (a redondeza da Esfera como sublinha Camões) só os portugueses o materializaram. Precocemente demonstrada essa redondeza e Unidade da Esfera. Em 1519, estava finalmente demonstrada fisicamente,

Portugal no Encontro e Emergência do Novo. O Novo Mundo
(Professor Doutor Aurélio de Oliveira)

fechada e concluída a “criação” dos Céus e da Terra. Todavia, é seguro que logo nos inícios (se não mesmo antes de 1500) a continentalidade estava ou andava apercebida. Assim se entende das afirmações de Duarte Pacheco Pereira e, até já cartografada como se vê no Mapa de Cantino de 1502 - o *primeiro planisfério moderno da História da cartografia*. (Primeiro conhecido. Mas há nota que logo em 1500 ou em 1501, espiões levaram para Itália um mapa-mundo que se terá perdido, como ao tempo de D. João II se elaborara já um outro Mapa Mundo, com todas as terras então conhecidas. E é seguro que Duarte Pacheco Pereira elaborou um desses planisférios, entretanto também perdido e que pode(m) muito bem ter servido de protótipo ao (ou aos) de 1501 e 1502, (incluindo o de Juan de la Cosa de 1500, cheio de informes e anotações portuguesas, como demonstrou Duarte Leite. (Muitos destes lugares, pois anteriormente topados ou avistados por gentes lusas). A terra como “Esfera” parece aceite também antes. Parece suficientemente assumida em Duarte Pacheco Pereira, ao referir - tratando dos antípodas – a força gravidade “que se encontrar no centro da Terra que até aí atrai os objectos e não os deixa mais dispersar a partir desse ponto central “sendo contra natureza nenhuma cousa pesada poder ir para cima e mover-se do centro para a circunferência” (o que não aconteceria, obviamente, se a Terra – o Orbe - fosse plano (*Esmeraldo de Situ Orbis. . Ed. R. E Azevedo Basto. Lisboa. 1892. 5*). A assumpção de globo - circunferência – está, pois, expressa. Magalhães provou com a sua viagem o que na teoria já se encontrava estabelecido em alguns meios náuticos nacionais.

Uma revelação precoce dos quatro continentes, como também o expressa o mesmo Duarte Pacheco Pereira, por onde se encontraram os portugueses com novos mundos geográficos, humanos e civilizacionais.

Por 1515, (ou antes) e se afirmava já

como voz corrente, geral:

Jentes novas, escondidas

Que nunca foram sabidas

Sam a nos tam conhecidas

como a qualquer natural

(Garcia de Resende, *Cancioneiro Geral*, Ed. INIC. Coimbra. 1974. II. 248).

Foram os lusos com os seus descobrimentos que pela primeira vez deram conta e revelaram a diversidade, como a unidade do Universo, o que em nenhuma das outras etapas anteriores se vislumbrara. Até porque mutuamente se desconheciam.

Na construção cartográfica lusa se operaria e consubstanciaria tudo isso. Na verdade, A cartografia mediterrânica apesar dos seus primeiros e preciosos

Portugal no Encontro e Emergência do Novo. O Novo Mundo

(Professor Doutor Aurélio de Oliveira)

contributos, não continha as nem previa o espaço Universal. Por isso a Cartografia e a Ciência náutica portuguesas contêm, representam e documentam de modo particularmente falante a revolução e a conquista física em curso da Terra e do Universo.

É verdadeiramente o fim do ovo mediterrânico que, até aí, era um Universo restrito fechado, sem horizontes, de forma oval, circunscrita, às vezes marcado pela Cruz da Redenção teológica como se observa e documenta nos primeiros mapas conhecidos. É essa, no fundo, a concepção, representação e conhecimento que, com poucas ou algumas modificações da geografia antiga que se continuará a representar nos meios “cultos” da Europa, enquanto a verdadeira dimensão do espaço real e das fronteiras do Universo já haviam caído às mãos do portugueses. O portulano mediterrânico que tantos contributos prestou, é um mapa de horizontes fechados, de navegação à vista, a “tiro” da besta aquática mediterrânica fosse a galé, a trirreme ou fusta com apoio sistemático nas duas margens mediterrânicas. Era o apoio a uma navegação que se fazia “com os remos em terra” - como tão apropriadamente anotou e sublinhou D. João de Castro e como já o havia feito, de ouro modo nos fins do Século XV, o próprio Duarte Pacheco Pereira: “mas queres-me dizer que por opiniom de quatro mareantes, os quais como som tirados da carreira de frandres ou doutros portos, onde costumam navegar, nom sabem mais o que fazem” (em este diferente “navegar pelo pego” do Atlântico. (***Esmeraldo. cit. 39***).

Levou tempo a que a realidade física antiga caísse. Entre outras há uma razão que, por seu turno, sublinha o pioneirismo do processo luso: A generalidade do espaço europeu como, obviamente, dos seus meios cultos estavam e permaneceram por muito tempo afastados das descobertas e das grandes viagens do portugueses, não obstante algum esforço de espionagem e informação que, sobretudo os italianos, iam montando no cais mais ocidental da Europa. Por isso, as representações terrestres ptolomaicas (a partir do centro Mediterrânico), iam sendo sempre reeditadas, obviamente com erros, até finais do Século XVI. Um bom sinal da resistência do Renascimento às inovações e aquisições da ciência cartográfica portuguesa e às realidades de um Mundo Novo que nascia, voltado para a apropriação fáctica do universo, não para um passado, por excelente que fosse na sua forma, como era o greco-latino que se regia pela mnemónica dos grandes nomes do saber, sem cuidar de justificações e fundamentos. A razão logo foi apercebida pelos humanistas portugueses: foram as muitas navegações que o permitiram e o fizeram:- “a muita experiencia dos modernos e a muita navegação de Portugal nos ensinou e mostrou tudo isto”. (**D. João de Castro, *Obras Completas Vol. II. Coimbra. 1968. 50-51***).

Portugal no Encontro e Emergência do Novo. O Novo Mundo
(Professor Doutor Aurélio de Oliveira)

Este mesmo ideário parece e marca, desde o início, as verdadeiras fronteiras de dois mundos: o antigo, pretensamente remoçado, de recreação quase memorialista e um novo, de audácia e conquista de coisas e ciências novas, desconhecidas. Que abriram para novas realidades e caucionaram conquistas novas e diferentes.

Como dissemos, a Cartografia Portuguesa é e representa o mais falante documentário e o mais rico repositório dessas conquistas físicas dessa mudança e alteração dos conhecimentos do Universo: da terra aos mares e aos céus. Já ao tempo de D. João II refere Ângelo Policiano essas espantosas aquisições dos meios científicos e náuticos nacionais: “novas terras, outros mares, *outros mundos* e, no céu, outros astros - tudo tirado das trevas”. Por isso (já em 1491) este Príncipe (isto é: este Reino) se torna o “senhor das chaves de um *Novo Mundo*” (Teófilo Braga, *Poetas Palacianos*. II. 415. Sublinhado nosso).

Ficariam muito poucos testemunhos documentais em Portugal dessa primeira cartografia. Desenhar era revelar. Por isso andou envolta em algum segredo e resguardo, de circulação sempre restrita. Ainda nos inícios do Século XVI (1505) D. Manuel culminava pena de morte aos que desenhassem e cartografassem além do Golfo! Todavia, os exemplares estrangeiros, sempre italianos, que quase em exclusivo nos ficaram, mostram bem a um tempo, as conquistas feitas e a deformação de que continuavam a enfermar fruto de testemunhos indirectos e sempre incompletos. E, na verdade todas, todas foram sendo feitas, ainda que incorrectamente sobre informações dos meios portugueses e quase sempre a partir de protótipos nacionais. A Carta de Fra Mauro, por exemplo, documenta-o de modo liminar: O mapa foi redigido a pedido do Rei de Portugal (Afonso V) e por informações por si fornecidas - como o cartógrafo confessa. E o mesmo poderemos dizer do Globo de Martim Behaim já nos finais do Século.

A primeira carta portuguesa conhecida, (a chamada carta de Módena - 1471/2) mostra já uma diferença abissal com todas as contemporâneas conhecidas. O contorno e perfeição da costa de Africa até ao golfo da Guiné / que acabava mesmo de se explorar ou que está ainda explorar-se pelos homens de Fernão Gomes, é de uma perfeição e rigor sem paralelo face à demais cartografia conhecida do tempo. Perícia na arte, certeza e segurança nas informações geográficas.

Enfim, uma Nova Geografia, cuja concepção se encontra lapidarmente expressa em D. João de Castro. Com aquela concepção de que não basta só desenhar, pintar correctamente os lugares, mas correlacioná-los e inscrevê-los nas suas devidas dimensões e correlações espaciais: “*as descrições da terra*”

Portugal no Encontro e Emergência do Novo. O Novo Mundo
(Professor Doutor Aurélio de Oliveira)

não ficam com a sua perfeição se se não desenham e pintam juntamente com ela as cousas adjacentes” (Castro. Idem. 112).

Às mentiras desenhadas em letras de ouro - como refere Pedro Nunes - sucederam as verdades, desenhadas e transmitidas sem ouro mas com a correcta tinta da verdade científica e geográfica. Voltemos, entre outros, ao grande D. João e Castro: *a descrição geográfica não são as terras e mares semeadas ao acaso sem as suas medidas e proporções, antes têm que ser uma rigorosa delineação tirada com as suas proporções matemáticas” (Castro, Idem. I. 111).* Ora, tudo isto foi feito numa dimensão impressionante pela cartografia portuguesa desde o Atlântico ao Oriente e aos mares do Pacífico, da Africa às Américas. Em meados do Século XVI poderemos dizer que toda a Esfera se encontrava desenhada e cartografada.

O impacto em todas as escolas cartográficas é uma realidade que se mantém por todo o Século XVI, sendo todas as escolas europeias devedoras da escola portuguesa, com os cartógrafos portugueses a serem procurados, e aliciados por todas os monarcas da Europa.

Dois exemplos elucidativos e de italianos (que em alguns autores passam por ser dos meios náuticos melhor informados, os que mais descobriram e os que nos ensinaram tudo: (a arte de navegar e o resto):

Por alturas de 1430-35 dizia o italiano Pedro Quirino que os mares das Canárias eram ainda praticamente desconhecidos e de muito difícil navegação. Pois seriam, mas já lá iam quase cem anos que os portugueses os navegavam! Pelo menos desde 1336!

E o primeiro italiano a passar o “cabo das tormentas” do Bojador seria Cadamosto, em 1455. Porém, a bordo de embarcações atlânticas lusas e conduzido por pilotos lusos. Dirá, por isso, com orgulho de pioneiro para todos e logo para os seus conterrâneos: “Fui eu, Luís de Cadamosto, o primeiro que saí da nobre cidade de Veneza para navegar pelo mar Oceano fora do Estreito de Gibraltar para navegar para as partes do Meio Dia, na terra do negros da Baixa Etiópia” (*Navegações de Luís de Cadamosto, ed. de G. Carlo Rossi. Lisboa. 1944. 3*). Repare-se: já lá iam mais de Cem anos que os portugueses navegavam para as Canárias, e nessa altura (1455-56) que se internavam já profundamente por outros espaços do Atlântico.

Eram os portugueses quem sabia dos assuntos do mar atlântico! Era junto deles que convinha que os avisados se deveriam instruir e informar. Assim o recomenda outro italiano para os seus confrades dos “ilustrados” círculos mediterrânicos. Círculo científico, das escolas como do círculo económico: do

Portugal no Encontro e Emergência do Novo. O Novo Mundo
(Professor Doutor Aurélio de Oliveira)

mundos dos negócios e dos tratos se deles se quisessem consequentemente aproveitar. Deveriam informar-se junto dos portugueses e não noutras fontes e lugares. E já lá ia bem andado o Século XVI quando tal se afirmava. Mais peritos e conhecedores, não havia outros: “sabendo-se (como se sabe) que hoje são os portugueses os mais valentes observadores das coisas do mar que haja no mundo” (Em **Cartas de Fernão Mendes Pinto e outros Documentos**. Ed. Rebecca Catz. Lisboa. 1983. 112).

Na mesma linha, aliás, do que escreverá o insuspeito Voltaire. E rematamos com ele: *Devemos unicamente aos portugueses a glória de nos terem patenteado os verdadeiros limites da Terra!*

2. Novas terras novas gentes, novas civilizações.

Com o conhecimento de novas terras, e novos mares, veio o conseqüente conhecimento dos homens, culturas e civilizações que por todo o lado se encontraram, até aí totalmente insuspeitos, desconhecidos dos europeus. Desconhecidos a nível global porque isolados e sem comunicação e conhecimento mútuo. Da África, ao Oriente, das Américas ao Pacífico.

Um novo Mundo cultural.

A Humanismo e o Renascimento representam, na verdade, uma verdadeira revolução cultural na Europa de Quatrocentos e de Quinhentos. Apresentou-se de facetas e rostos variados, da arte à literatura, à política e a filosofia à moral à religião, matizando diversos espaços europeus. Mas em todo esse movimento nenhum como o círculo português representou a apropriação do real e das ciências positivas em tão alto grau. Um efectivo desbloqueio processual quase programático dentro desse mesmo Humanismo. Contraposto, ou melhor, muito para além desse Renascimento voltado para a apropriação dos clássicos, privilegiando a forma. Muito raramente o conteúdo, ou novos conteúdos. Por isso, na opinião de Wallerstein o verdadeiro Renascimento / Renascença se deve marcar com as Descobertas dos portugueses. com a emergência deste Mundo Novo trazido pelas descobertas lusas e depois hispânicas (**The “Discoveries” and Human Progress, em “Estudos e Ensaios em Homenagem a Vitorino Magalhães Godinho”**. Sá da Costa. Lisboa. 1988. 103). E, na verdade, tratava-se de renascer, não simplesmente de reaproveitar ou reapropriar o mundo clássico.

O processo cultural ou científico, prático e operativo que isso exige e com que se vai materializando desde aí, e logo em Quatrocentos, depois com uma marca e uma força impressionante durante a primeira metade do Século XVI, é um processo que se pode considerar totalmente novo passando do saber

Portugal no Encontro e Emergência do Novo. O Novo Mundo
(Professor Doutor Aurélio de Oliveira)

livresco e mítico-teológico transmitido ou revelado, a um conhecimento positivo, heterodoxo, isto é, descomprometido com a revelação e as verdades feitas ou quaisquer outras ortodoxias correntes e aceites. Um movimento decisivo, por vezes em roturas difíceis, é certo. Um saber operativo, representativo do poder do homem sobre o próprio espaço e a natureza. É uma conquista “nova” de uma dimensão cultural, mental e física impressionantes: uma verdadeira revolução cultural dentro das próprias correntes do Renascimento (com várias das quais até entrará em choque bem violento). Já não é a Divindade que comanda, mas o Homem. E a consciência assumida das suas capacidades físicas e mentais. O Homem desenhou-se e configurou-se à sua estatura natural na construção e apropriação do espaço e do Universo e da própria ciência.

O Homem tornou-se, de facto, o centro do Mundo e o lugar donde brota e se constrói todo o saber. Diria o matemático português Gaspar Nicolas (c. 1515): “E assim, (com o saber e as regras da matemática) poderás ir até onde quiseres”! Quer dizer: o horizonte de um conhecimento sem limites! (Escusou-se, por isso, de invocar a Divindade no intróito do seu tratado)! O Homem pelas suas próprias capacidades era capaz de o fazer, sem a tutela da revelação ou da providência. De abrir mundos novos e insuspeitos à ciência que a revelação e a mnmónica cultural prevalecente jamais permitiam ou permitiriam.

A construção mitológica, onde deambulam deuses, duendes e heróis sem escala humana ou revelado pela criação teológica, cede o lugar a um espaço real, delimitado, mas capaz de ser conhecido, dominado e alargado pelo homem, medido, cujo conhecimento é o único capaz de definir (ou alargar fronteiras). E as contraposições são paradigmáticas. Em muitas circunstâncias nem o Renascimento foi capaz de fazer recuar estas fronteiras. A Teologia e a superstição mítico teológica continuam com herança pesada na Renascença, por vezes, mesmo reforçada. O exemplo de Pico de la Mirandola pode ser paradigmático. Eis o que escreve recentemente François Bellec: “Ainda na Renascença o mar dos cristãos permanecia hostil e demoníaco”. (*Réflexions sur la résistance européenne à l’expansion*. Porto. 1990). Continua a pensar-se, a defender-se que os mares são uma extensão demoníaca, dominada pelo demónio que o Homem não pode ultrapassar. Assim o escreveria também Lopez de Gomara, paradoxalmente, ainda a meados de Quinhentos.

Do outro lado, retenha-se o precoce testemunho de Cadamosto: “não há lugar nenhum dos mares onde os portugueses não possam ir com as suas caravelas”. Nenhum lugar que não penetrem e não dominem e desde muito antes em vários lugares documentados. (Taviani podia muito bem ter reparado (se é que intencionalmente não ocultou este testemunho do seu compatriota ao atribuir a Colombo todas as decobertas de um Atlântico- que os

Portugal no Encontro e Emergência do Novo. O Novo Mundo
(Professor Doutor Aurélio de Oliveira)

portugueses mal conheciam ... até o regime de ventos... (**Vide Paolo Emilio Taviani, *La meravigliosa avventura di Cristoforo Colombo*. De Agostini. Novara. 1989).**

Por 1540 escreve D. João de Castro, que não há lugar algum dos Oceanos onde não vão e que não naveguem, com sucesso, as embarcações lusas. Diz mesmo: "*É hoje mais fácil dar a volta ao Mundo que navegar no Mediterrâneo com os remos em terra.* (**Obras Completas. Cit. 110**). Não há demónio que resista capaz de dominar estes espaços ou defendê-los da intromissão do homem para além da ignorância e do desconhecimento das leis físicas do Universo e da boa prática de navegar que obrigatoriamente exige o conhecimentos das ciências matemáticas e positivas "que é disso que todos não de andar bem apercebidos" se porventura alguém o quiser fazer com sucesso. – sublinha Pedro Nunes. (**P. Obras. I. . *Tratado em Defensam da Carta*. 193; 194**). E não se recusa este *Renascimento* prático e operativo de acumular e aproveitar conhecimentos e experiências. Nem de escrever e divulgar para que outros se aproveitem dos conhecimentos. Colombo ufanar-se-ia de nada se ter servido! O Humanismo fechava-se na divulgação da ciência e dos conhecimentos. Os portugueses abriam-nos informavam-se junto de todas as fontes. Divulgavam os conhecimentos para que outros deles se pudessem aproveitar (Vide D. João de Castro. *Passim*; Garcia de Orta em *Os Simples*. *Passim*). Que Universos mentais e físicos diferentes!

Um Mundo Novo na Ciência que os Descobrimientos trouxeram à Europa dos tempos Modernos apesar de alguns autores consagrados o ignorarem ou passarem em branco. Desconheceram (ou simplesmente desprezaram) as realidades e conquistas hispânicas?

De passagem, por que nisto nos não demoramos, lembre-se o que Paul Hazard escreveu em *A Crise da Consciência Europeia* (em que trata das origens da ciência moderna). Retiro-lhe, possivelmente, a má fé, mas mantenho a supina ignorância acerca do que anteriormente se tinha passado e construído: "desde 1616 (Bergeron) e desde 1636 (Campanela) professavam isto: a exploração do Globo, contrariando alguns dados sobre que repousava a filosofia antiga, deve provocar uma nova concepção das coisas. Esta ideia acelera-se à medida que os Holandeses, não somente organizam o comércio das Índias Orientais, mas também descrevem as coisas estranhas que lá encontram; à medida que os ingleses não só fazem flutuar o seu pavilhão sobre todos os mares mas também publicam a mais copiosa literatura de viagens que há no mundo; à medida que Colbert propõe à actividade dos franceses as ricas colónias e as longínquas feitorias de que chegam

Portugal no Encontro e Emergência do Novo. O Novo Mundo
(Professor Doutor Aurélio de Oliveira)

descrições feitas à ordem do rei. O Rei mal sabia que destas mesmas descrições nasceriam ideias capazes de abalar as noções mais caras à sua crença e as mais necessárias à manutenção da sua autoridade” (**A Crise da Consciência Europeia. Trad. portuguesa. Cosmos. Lisboa. 1948. 12**).

E os mesmos termos e juízos se devem, sem dúvida, expressar relativamente ao que diz Humbolt que igualmente “feriu, desfigurou e ignorou por completo a cultura científica peninsular e o seu contributo” (**Joaquim Bensaúde, Em Obras Completas de Luciano Pereira da Silva. Lisboa.1943. I. XLIX**).

Ora, é manifesto que em qualquer das dimensões onde Hazard, e todos os que o seguem, vêem a primeira novidade naqueles quadros mentais europeus, essas pretensas novidades levam já bardas de mais de Século e meio e os materiais acumulados, discutidos e questionados constituíam já um acervo monumental. Há quanto tempo se difundiam e divulgavam. Logo em 1515 (e em estrofe para cair bem no ouvido e para facilmente correrem de boca em boca) se dizia e apregoava pelas ruas e salões de Lisboa, e cantos de Portugal as tantas

Jentes novas escondidas

Que nunca foran sabidas

Sam a nos tam conheçydas

como a qualquer natural

(**Garcia de Resende , Cancioneiro Geral Ed. cit.II. 248**).

E, na verdade e em rigor, quem primeiro questionou os princípios éticos, morais, filosóficos a até religiosos e políticos da realidade europeia?

As descrições de povos e civilizações e culturas?, Quem primeiro as revelou e difundiu? (E passa-se a numerosidade lusa e peninsular nestes e outros aspectos). Quem primeiro alargou e estabeleceu os tratos e relações à escala mundial?

E não se trata de chauvinismos: qualquer daqueles dois autores (e os que os repetem) poderiam, na verdade, ter pesado ou levado em consideração o que acerca destes Mundos Novos já opinara e dissera o insuspeito Voltaire: Em verdade, “devemos unicamente aos portugueses a glória de nos terem patenteado os verdadeiros limites da terra” (**Em, Essai sur les Moeurs et l’Esprit des Nations. Paris. 1829. T. III.115**). (É seguro para os melhor informados que “It is not very difficult to make a list of the advantages (several) claimed for modernity” com os Descobrimientos portugueses (**Wallerstein, cit. 105**). Ora, estava consumada essa ingente e notável obra já na Era de Quinhentos!

Portugal no Encontro e Emergência do Novo. O Novo Mundo

(Professor Doutor Aurélio de Oliveira)

E foi por isso, que nos mas variados aspectos, se alicerçou o nosso Novo Mundo: Continua o mesmo Voltaire: “Foi às descobertas dos portugueses que ficamos a dever a modernidade - c’est à ces découvertes des portugais dans l’ancien monde que nous devons le nouveau”. (**Idem. III. 142:**

E venhamos a um testemunho recente:

“The late fifteenth century was not merely the epoch when Europe first explored and discovered Africa, Asia and the Americas. (but) it was also the first concrete expression of a new state structures that were going to emerge as part of an interstate system whose beginning may be traced to this period. And it marked as well the beginning of the emergence of a capitalist world - economy in Europe, one would eventually thrive, blossom, expand, and triumph everywhere” (**Wallerstein. Cit. 103**).

Deixemos aqui os contributos que genericamente trazidos à Ciência pré anunciadores, aqui também, de um Mundo Novo para referir tão somente que os princípios básicos cartesianos da Nova Ciência (incluindo a condição básica e essencial da *medida*) se encontram delineados e definidos na produção lusa de quinhentos: regra, (i. é. método), dúvida e experiência. Correcta ou incompletamente formulados aí se encontram expressos. Todos eles, tal como os princípios da indução e da dedução. (vide **Aurélio de Oliveira, Nos Rumos da Modernidade 126-128**).

Um Mundo Novo: a dimensão e antropológicada Humanidade.

II. Desta conquista e desta incorporação geográfica resultou a quase imediata incorporação de realidades antropológicas novas. Uma outra dimensão física, deveras importante. Nova. Desconhecida. Um Novo Mundo!

Uma conquista de enormes repercussões físicas, culturais e mentais: Sublinhe-se tão só que as únicas criaturas que Deus botara na terra e a que Deus dera vida, se circunscreviam praticamente ao dito ovo mediterrânico. Tudo o mais, para além de desconhecido, era desabitado do homem. Quando muito povoado de monstros e de demónios. Como dissemos, o espaço desconhecido, e os mares em particular, eram um espaço demoníaco que o homem não devia nem podia afrontar nem transpor. Não foi, por isso, menos notável conquista o abatimento dessa fronteira mental e cultural com todo o “pesadão” que os medos e as confabulações mítico-teológicas povoavam a cabeça e a mente do homem! Um obstáculo possivelmente até de mais difícil franqueio que o próprio obstáculo físico. Na verdade, o Cabo Não, não era apenas um acidente geográfico, ali nas costas da África atlântica, mas uma fronteira que se erguia por todo o espaço desconhecido, do mundo físico ao mental.

Portugal no Encontro e Emergência do Novo. O Novo Mundo
(Professor Doutor Aurélio de Oliveira)

Facilmente se imaginará a natureza do impacto ao deparar-se o europeu com outras criaturas e seres humanos nos novos espaços que se julgavam e se escreviam como desabitados e para os quais não havia feito ponte a redenção cristã. Como explicar tamanha discriminação teológica ao homem dos Séculos XV e XVI? O encontro com essas novas humanidades teve inevitáveis e profundas repercussões culturais e mentais. Afinal, à medida que se caminhava não se encontravam monstros, nem fronteiras. Sim acidentes e obstáculos geográficos mas que era possível vencer, domar e incorporar, fazendo-os próximos e património do homem.

O verdadeiro demónio era a imperícia e a ignorância que, essa sim, podia levar à perda e ao fracasso (vide D. João de Castro. Passim. Pedro Nunes. Idem).

Eis o que escreve Duarte Pacheco Pereira, nos finais do século XV: “Escreveram os antigos que as partes meridionais eram desabitadas: Erro! Elas são habitadas por outros homens e homens como nós, mesmo que estejam em estado de bestialidade. (***Esmeraldo De Situ Orbis***). (Isto é, noutra estadia cultural, que o homem media pela bitola europeia! Em breve se darão conta, porém, das excelências de algumas dessas civilizações que fariam inveja aos estalões e cânones europeus.

Na Conferência de Granada-Santa Fé (em 1491 - ao tempo de D. João II), já afirmava e dizia Giral dini: “*porque os portugueses se tinham de tal modo dirigido para as partes inferiores do outro hemisfério (e é bem possível que não se refira apenas ao continente africano) que tinham descoberto um outro hemisfério - o antártico, e tudo o que está abaixo da zona tórrida coberto de populações*”. Alguma razão sustentava as afirmações dos estrangeiros mais chegados ou mais a par da realidade portuguesa. Eis também outro estrangeiro - Ângelo Policiano – a anunciar, precocemente, os Novos Mundos encontrados: “*novas terras, outros mares, outros mundos, outros astros - tudo tirado das trevas*” (**na Carta a D. João II. 1491. Sublinhado nosso**).

Coisa não menos importante: os contemporâneos nacionais deram-se conta das novas transformações e dos impactos que isso produziu. Eis Garcia de Resende a dar-nos conta “*das coisas espantosas que agora por esse Mundo vão*”. A um mundo antigo ou desconhecido encoberto por mitos, fabulações, falsidades e distorções, deram os portugueses a dimensão e as realidades dos quatro cantos do mundo com novas terras, novas gentes, costumes, culturas e civilizações.

Há consciência das diferenças civilizacionais, e pode reivindicar-se a soberania europeia, mas assume-se a continuidade do Universo e da Humanidade:

Portugal no Encontro e Emergência do Novo. O Novo Mundo
(Professor Doutor Aurélio de Oliveira)

:
*Outro mundo encoberto (físico e humano)
vimos então descobrir
que se tinha por incerto
pasma homem de ouvir)
o que sabe muito certo
que cousas tão grandes são
hos da Índia e lucatão
e quão na China espantosas
que façanhas façanhosas
no Brasil e no Perú vão* (**Garcia de Resende. *Miscelânea*. 343**)

Escreve-se isto em estrofes para circular nos salões mas também, nas ruas. Para todos, enquanto nos tratados de Geografia do tempo se continua a desconhecer a realidade do Mundo já divulgada e conhecida: Em alguns autores consagrados do saber europeu ainda não se fala da África ou mesmo do Continente americano, por quase todo o Século XVI!

Assim os tratados de Achilini (c. 1510-15) onde se mantém a ignorância e se discute se as zonas equatoriais são ou não povoadas e Contarini (c. 1548) no seu tratado de geografia admite tão só essa possibilidade! Na Cosmografia de Apiano (c.1524) o Sul do Continente africano é ainda desconhecido e na *Descrição do Mundo* de Jacques Signot com sucessivas reedições até 1599 nem uma só referência se consagra ao continente americano! Nisso se seguia certamente a lógica das sucessivas reedições das fabulações das cartas e mapas ptolomaicas que até essa mesma altura conheceram sucessivas reedições figurando espaços que já nada tinham a ver com uma realidade geográfica das terras, dos mares e dos povos que os habitavam.

Contraposto àqueles conhecimentos que se continuavam a divulgar e acorrer nos meios culturais da Europa, logo após a viagem de Magalhães se escreve também em estrofes para fácil aprendizagem “ denunciando
*a unidade da
Da terra imensa e
Do mar não navegado” .*

Camões. *Obras completas*. Clássicos Sá da Costa. V. 179

*Outro mundo novo vimos
Per nossa gente se achar
E o nosso navegar
Tão grande que descobrimos
Cinco mil léguas per mar”* (Resende. *Miscelânea*)

Portugal no Encontro e Emergência do Novo. O Novo Mundo
(Professor Doutor Aurélio de Oliveira)

Toda uma nova humanidade franqueia agora, a porta principal das luzes e do conhecimento mútuo, que não apenas o centro europeu onde, aliás, continuam a correr, sem contraponto, as fábulas dos antigos:

*Jacobitas abissínios
Catayos ultramarinos
Buscam godos e latinos
Esta porta principal*

Quem a franqueou e abriu? Os Portugueses. E não à sorte e ao acaso! Para se ser um descobridor exige-se conhecimento, ciência, saber. Pedro Nunes, que ensinava Náutica, Astronomia e Matemática nas escolas do Reino e cuja obsessão de rigor é bem conhecida, desde o início premonitoriamente o sublinhava para os que, ainda recentemente, sentenciam ter sido tudo feito à sorte e ao acaso!

Perdeu-se ou afundou-se a centralidade antropológica europeia e emergiu a continuidade e contiguidade antropológica universal. Homens como nós, por toda aparte, pudessem ou não ter formas ligeiramente diferentes e cores diferentes” *nom som diferentes com serem iguais*: às vezes até superiores como se encontra em Mendes Pinto. Mas já antes o pintara Gil Vicente: *Os de Guiné* (Os escravos de Guiné) - diz Mestre Gil *são de sua natureza melhores 700 vezes que os vizinhos castelhanos* (**Obras Completas. Vol. VI. 150!**) (Andam aqui outras diatribes, mas fique o testemunho de quem muito privou com uns e com outros).

E começa precocemente a descoberta e assumpção deste mundo novo antropológico. Logo com Zurara no Século XV: nos finais ou último quarto, com Duarte Pacheco Pereira. Logo depois magistralmente escritos por Pero Vaz de Caminha: *São como nós e só lhes falta ser cristãos*; pouco depois com Duarte Lopes, pelo interior da África: *dizíamos-lhes que eram como nós*. Com Duarte Barbosa e com outros por todo o Oriente. Onde nos vêm as notícias de homens e civilizações polidas avançadas e detentoras de valores que envergonham ou envergonhavam os europeus e os cristãos: Por escritos e comportamentos vários se punha em causa própria realidade cristã europeia. A reacção de Mendes Pinto é um testemunho frontal deste choque de civilizações e de valores que pela primeira vez se questionam a nível vivencial e não apenas filosófico, se assim podemos dizer, nas poucas ou nulas reflexões do tempo que existem sobre esta matéria. (Ignora-se, porventura o impacto das mesmas Descobertas em Thomas Morus, na sua Utopia, por exemplo)?

Portugal no Encontro e Emergência do Novo. O Novo Mundo
(Professor Doutor Aurélio de Oliveira)

Por todo o lado, nesta vertente científica, geográfica e antropológica um *Mundo Novo ou Novos Mundos*. Na sua dimensão Humana e nas suas atitudes mentais que não se encontra dentro da preocupações selectas do formalismo humanista europeu e cristão da altura. Há, de facto, um meridiano que diferencia estes dois mundos. Num privilegia-se a forma mantendo, porém, conteúdos irreais (Camões: “encareçam deuses e semideuses...ventos soltos finjam e imaginem... fabulas vãs, tão bem sonhadas”. Em contraponto: eu só direi a verdade! (**Camões. Obras Completas: cit. IV. 290**). Gil Vicente aborrece os bosques inventados, irreais, por isso se fica pelos *bosques de cosas reales* (**Gil Vicente. Obras Completas. cit. IV. 315**) isto é, situando-se bem no concreto, na natureza, no real, naquilo que os olhos viam!

A par da forma, que alguns cultivaram com toda a mestria (Camões; Sá de Miranda, Ferreira e outros) aparecem e correm novos conteúdos, inusitados, desconhecidos, verdadeiramente revolucionários para a mentalidade e sensibilidade europeias. A Memória, a História desses Homens e dessas civilizações emerge com a mesma estatura da História (ou histórias) Europeias na sua dimensão global e total (Vide v.g. João de Barros e Gaspar Correia).

Tem-se atribuído a Vespúcio a originalidade quer da concepção quer da divulgação deste conceito de *Mundo Novo*. Nada mais errado. Essa concepção de encontro e presença de um Mundo Novo (ou Mundos Novos) geográfico como antropológico está perfeitamente documentada nos meios culturais e nos meios náuticos nacionais anteriores. E, como no mais, Vespúcio não inventou nem criou, apropriou-se de um termo em uso corrente que depois correu mundo célere, devido às rápidas e frequentes edições em várias línguas (curiosamente nenhuma em português) que as suas *Lettere* tiveram na Europa divulgando feitos e acontecimentos, na verdade, pertencentes e levadas a cabo por outros, mas de que se apropriara, que se arrogara como seus. A severa mas exacta dimensão desta figura, que a contumácia (para não dizer ignorância supina de alguma historiografia continua a não querer ver), traçou-a “ultimamente” Duarte Leite. O seu a seu dono. O que lhe é próprio lhe fique com justiça. O que não é deve ser retirado em nome da verdade histórica. E pouco fica depois dessa operação de limpeza: (Duarte Leite). Até Voltaire, logo no Século XVIII, se deu conta da verdadeira dimensão deste homem que, de facto, não deixou por mãos alheias o corte do seu fato para a posteridade, riscando-o e talhando-o muito mais que à justa medida. Disse dele, há muito, apesar do “auto elogio das *Lettere*: “*Nenhuma glória especial deve merecer este homem pelo simples facto de ter acompanhado uma expedição portuguesas às costas do Brasil*” (**Voltaire. Essai. III. Paris. 1829. 147**).

Por entre comportamentos e atitudes díspares, a assumpção do outro físico e antropológico tem, de facto, um lugar sem paralelo no meio cultural e

Portugal no Encontro e Emergência do Novo. O Novo Mundo
(Professor Doutor Aurélio de Oliveira)

comportamental da Europa do tempo. Em várias dimensões que não há aqui qualquer possibilidade de desenvolver. Por isso terminaremos também muito abreviadamente com um aspecto intensamente polémico mas que não nos escusamos, propositadamente, de abordar.

Esta dimensão passa por realidades históricas várias (como dizemos) mas em que inevitavelmente se cai no fenómeno escravatura. Pasemos os factos nada edificantes que, aliás, a literatura portuguesa do tempo não escondeu, mentindo. Fiquem alguns comportamentos e reacções que não vislumbramos, porém, na produção europeia do tempo. Antes a ânsia, por todo o lado, de meter também mão nos tratos.

Na verdade, aqui dentro do círculo luso, muito cedo se chega a assumpção e aceitação de uma paridade humana que não se vislumbra em nenhum outro círculo cultural. Poderá dizer-se restrita. Sim. Mas nem essa dimensão a vemos circular noutras áreas culturais e sociais da Europa do tempo.

Logo desde meados do século XV com aquela impressionante lição humana e antropológica de Zurara quando descreve a cena da repartição dos escravos de Lagos. Zurara condói-se com a sorte desta humanidade (e o condoer-se já é uma atitude de cesura e corte com as tradições e comportamentos da sociedade de então). Zurara é o primeiro a levantar uma voz – arriscada, aliás, como ele mesmo sublinha - contra a desumanidade deste trato. E na impressionante invocação que faz para se minorar a sorte destes homens não invoca qualquer princípio de religião, não invoca o Deus dos Cristãos - sob cuja pretexto se poderia ainda justificar tal trato - mas invoca a *Mãe-Natureza* que a todos fez iguais: “*somos todos da geração dos filhos de Adão*”. Não se apela à Providência à “razão” de credos ou culturas mas à contiguidade e à condição humana que é comum, apontando já para uma Ética Universal. Pouco depois Pacheco Pereira certamente já muito mais habituado à correnteza dos tratos, sublinha a mesma ideia: Uma natureza, uma condição natural que fez a todos da mesma condição que só a cultura e “ilustração” fez diferentes.

Por outro lado, ainda que muito poucos tenham reparado nisso, em estrofes de alguns dos poetas de Quinhentos (quijá já de Quatrocentos) circularam , pelos salões e até pelas ruas, claras e muito precoces condenações da escravatura. Uma comiseração com a sorte desta humanidade que não se nota por outros lados. Dois exemplos:

*Eu vi em tempo passado
Afirmar-se por verdade
Catividade de grado*

Portugal no Encontro e Emergência do Novo. O Novo Mundo
(Professor Doutor Aurélio de Oliveira)

:
*Ser inteira liberdade
Mas por certo meu motivo
É contra quem se cativa
Ledo, forro sempre viva
Quem se livra de cativo” (Resende, **Cancioneiro Geral**).*

Sá de Miranda acaba por ser mais acutilante, mesmo radical. Referindo-se e comiserando-se com a mesma realidade, escreve a este propósito com uma frontalidade impressionante para muitos comportamentos que vemos repetidos nesta nossa “modernidade”:

*Falas-me nos animais
A que nós brutos chamamos
Que guardam as leis naturais
Nós outros não nas guardamos (Obras Completas. II.)
E passemos Gil Vicente.*

Enfim:

Ser cativo, não é lei da Humanidade! Uma condenação clara. Expressa, Terminante, da escravatura.

Esta humanidade, para além de todo o tipo de violências (seria anacronismo não o reconhecer), acabou em grande parte por ver minorada sua sorte. O seu entrosamento na sociedade metropolitana e sobretudo nos espaços dos Novos Mundos ultramarinos produziu uma caldeação rática e cultural que em muitos lados originou novas sociedades e até novas civilizações num envolvimento comum, (em que mutuamente se perderam fronteiras comportamentais e morais) verdadeiramente sem par ao tempo e nos tempos que se seguiram. Onde reacções deste tipo na produção cultural de então? (E deve dizer-se para complemento desta questão, que a escravatura não foi inventado pelos portugueses como muitos querem e escrevem). Na verdade, os portugueses encontraram-se com a escravatura por todo o lado. Cadamosto refere o intenso trato que havia em África à chegada dos portugueses.

Pela Guiné e Manicongo “*comprão homens como gados*”;
pelo Benim *Uns aos outros se vendem.*
Pela Ásia: *Os do Coromandel vendem
Seus filhos e suas filhas
Nem estranham nem defendem tais erros.*
(Resende. *Miscelânea. Passim*)

Assume-se, como se vê, o erro da escravatura como, obviamente, tais costumes anti-naturais.

Portugal no Encontro e Emergência do Novo. O Novo Mundo
(Professor Doutor Aurélio de Oliveira)

Non obstante o trato e todo o tipo de violências e abusos daqui saíram, na verdade, – contrariamente ao que se verifica com outros - as primeiras reacções contra a escravatura em condenações individuais que chegaram às mais altas instâncias. O Poder central legislou contra o trato e os abusos. D. João III seria o primeiro monarca a decretar medidas contra a escravatura. Qualquer que seja o pretexto, são pioneiras como o serão as que ainda com o mesmo monarca e depois com D. Sebastião começam a ser defendidas com impacto nalgumas das medidas sobretudo deste último monarca (e na sequência de pioneiros que vinham de trás) sobre a liberdade dos índios, do Brasil, por exemplo. Não vemos reacção (na sua veemência e insistência) do género das que tomou e defendeu Manuel da Nóbrega ou Anchieta ainda por meados do Século XVI na produção europeia deste mesmo período.

Terminar-se-á com as violentas críticas de Fernão de Oliveira acerca do trato. Uma das condenações mais explícitas, directas e precoces ainda que à altura numerosos arbítrios chegados do Brasil condenam a escravatura e recomendem a sua abolição como também acabámos de referir.

Fiquemos por Anchieta e com o seu *Diálogo sobre a conversão do gentio* (de 1556):

“*Em todo o Homem há uma verdadeira e única natureza*” (na sua versão de possibilidade de conversão, mas aproximando a cita, naturalmente, dos parâmetros de Zurara ou de Duarte Pacheco Pereira, que não andavam por terras de África como Nóbrega pelo Brasil a fazer apostolado).

E, à pergunta, se eles tem alma como nós - que é quase um lugar comum da diatribe anti-portuguesa, responde-se simplesmente: “*Claro está que tem, e tem como nós a possibilidade de se converterem*. Mais: têm alma, entendimento e vontade e sentimento como todos têm. E na verdade, (continua), *antes da Redenção, todos éramos bestas tanto portugueses como castelhanos como Tamoios como Aimorés que todos tínhamos natureza corrupta e nisto somos todos iguais*” “*Todos temos uma alma comum como uma mesma bestialidade comum*”.

Eis por que noutra missiva assevera e afirma que se comportam com mais bestialidade e barbaridade os brancos e colonos do Brasil que os indígenas, que na prática se vêm obrigados a dar a conveniente resposta aos vexames e violências de que são alvo. Isto é: todos bestas e todos homens. Todos com a mesma natureza!

No remate: uma atitude que poderíamos consubstanciar na dualidade de atitudes do Humanismo universalista dos portugueses e no humanismo

Portugal no Encontro e Emergência do Novo. O Novo Mundo
(Professor Doutor Aurélio de Oliveira)

:

Europeu traduzido, aqui, por Clenardo. Este espantava-se, como deplorava, condenava e aborrecia a familiaridade ou promiscuidade do luso com o escravo, com o negro. (Vide *Cartas de Clenardo*). Em Nóbrega, mais que mera aceitação. E numa frase se traduz tudo e toda a diferença, nova, revolucionária e de tudo quanto se possa dizer e escrever:

Trouxemo-los e comemos com eles à mesa!

(Em Serafim Leite. *Cartas dos primeiros Jesuitas*. I. S. Paulo. 1954. 115).

Um mundo Novo - Novos Mundos da realidade geográfica e física às culturas e mentalidades e à realidade antropológica da Humanidade. Daí a razão para a afirmação de Magalhães Godinho: "Os descobrimentos inventaram a Humanidade" (***Mito e Mercadoria. Utopia e Prática de Navegar*. Lisboa. 1990. 54**).- Um Novo Mundo!

Terminemos, por agora, não sem tomar as palavras de Resende:

Ainda pudera contar

Outras cousas doutras sortes

Que ha na terra e no mar

Diferentes no casar,

Nos costumes, vidas e mortes

Também nos mandos, poder

Em seus nojos e prazer,

Em reger e governar

Dos quais por não enfadar

Muyto deixo d´escrever (**Garcia de Rende. *Miscelânea*. 354**).

E, claro, eu aqui d´acrescentar!

Bibliografia sumária:

- Álvares** P. Francisco, *Verdadeira Informação das Terras do Preste João*. Lisboa. 1943.
- Andrade** A Banha de, *Mundos Novos do Mundo. Panorama da difusão pela Europa dos Descobrimentos geográficos Portugueses*. Lisboa. 1972
- Barbosa** Duarte, *Livro em que se dá relação do que viu e ouviu no Oriente*. Lisboa. 1946.
- Barros**, João de, *Décadas*. Ed. INCM. Lisboa. 1988.
- Cadamosto** Luís de, *Navegações de Luís de Cadamosto*, ed. de G. Carlo Rossi. Lisboa. 1944.
- Castro** D. João de, *Obras Completas*. Lisboa. 1968-82
- Catz** Rebecca, *Cartas de Fernão Mendes Pinto e outros Documentos*. Lisboa. 1983.
- Cortesão** Jaime, *Obras Completas*. Portugália Ed. Lisboa. 1964-1985.
- Gonçalves**, Júlio, *Da expansão geográfica portuguesa*, em “Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa”. 1959 (N-1-3) Lisboa. 1959.
- Godinho**, Vitorino Magalhães, *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*. Lisboa. 1981-83.
- *Os Descobrimentos. Inovação e Mudança*. Lisboa. 1978 (Revista de História Económica e Social. Nº 2).
- *Mito e Mercadoria Utopia e prática de Navegar. Séculos XIII- XVIII*. Lisboa. 1990.
- Gomara** F. Lopez de, *Historia General de las Indias*. Madrid. 1829.
- Gomes** Diogo, *Relação do Descobrimento da Guiné*
Ed. Gabriel Pereira. Lisboa. S/d.
- Leite** Serafim, *Cartas dos primeiros Jesuítas*. Vol. I. São Paulo. 1954.
- *Cartas do Brasil e mais escritos do P. Manuel da Nóbrega*. Coimbra. 1955.
- Lopes**, Duarte, F. Pigafeta, *Relação do Reino do Congo*. Lisboa. 1989
- Miranda**, F. Sá de, *Obras Completas*. Ed. Sá da Costa. Lisboa. 1943.
- Nicolas**, Gaspar, *Tratado da Pratica Darismetica*: Porto. 1963.
- Nunes** Pedro, *Obras Completas*. Lisboa. 1940-1960.
- Pereira**, Duarte Pacheco, *Esmeraldo de Situ Orbis*. Ed. Azevedo Basto. Lisboa. 1988.
- Pinto** Fernão Mendes, *Peregrinação*. Lisboa. 1961.
- Randles** W.G.L., *Quelques modifications apportées par les grandes découvertes à la conception médiévale du monde* em “Rev da Faculd. De Letras de Lisboa”. (3ª S). Lisboa. 1959.
- *Da Terra plana ao Globo terrestre*. Lisboa. 1990.
- Resende** Garcia, *Crónica de dom João II e Miscelânea*. Lisboa. 1973.

:

- *Cancioneiro Geral*. Centro de Estudos Românicos. Lisboa. 1973-74

Taviani, Paolo Emilio, *La meravigliosa avventura di Cristoforo Colombo*. De Agostini. Novara. 1989.

Zurara Gomes Eanes de, *Crónica da Tomada de Ceuta*. Europa-América. Lisboa. 1992.

Wallerstein Immanuel, *The "Discoveries" and Human Progress*, em "Estudos e Ensaio em Homenagem a Vitorino Magalhães Godinho". Sá da Costa, Lisboa. 1988.

Santos Maria Emília Madeira, *Viagens de Exploração Terrestres dos Portugueses em África*. Lisboa. 1988.

Oliveira, Aurélio de, *Nos Rumos da Modernidade*. Porto. 1999.

NB: Aqui o leitor encontrará, além de tratamento mais desenvolvido, indicações bibliográficas que não poderíamos aqui referir, nesta tão breve síntese.